

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assignatura conjunta do Século, Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Anno..... 4\$000	Anno..... 8\$000	Trimestre.....	2\$000
Semestre..... 2\$400	Semestre..... 4\$000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre..... 1\$200			

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: A OBRA DA INFANCIA DO «SÉCULO»: OS BANHOS DA TRAFARIA (Clôche de Benoit) **Texto:** O REI DO PORTO, 8 illustr. • A TAÇA LEIXÕES: GORRIDAS DE NATAÇÃO, 10 illustr. • A OBRA DA INFANCIA DO «SÉCULO»: OS BANHOS DA TRAFARIA, 5 illustr. • A BATALHA DO VIMEIRO: A SUA COMMEMORAÇÃO, 9 illustr. • ONDE IREMOS PASSAR O VERÃO, 11 illustr. • O MINISTRO DA GUERRA DO BRAZIL EM LISBOA, 3 illustr. • A 15 DIAS DA CAÇADA, 9 illustr. • FIGURAS E FACTOS, 2 illustr. • • • • •

1899

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candêas
puro ou misturado com agua, dissipa
Sardas, Tox Crustada
Pintas Rubras, Borbulhas
Rosto Sarcabulhoso e
Fartoso; abriga e
conserva a cutis lisa e clara

1899

1899

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candêas
puro ou misturado com agua, dissipa
Sardas, Tox Crustada
Pintas Rubras, Borbulhas
Rosto Sarcabulhoso e
Fartoso; abriga e
conserva a cutis lisa e clara

1899

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo e mais variada e moderna repertorio em musica e canto dos melhores autores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogo

J. CASTELLO BRANCO
Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 LISBOA

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as afeções do couro cabeludo. **L-DEQUEANT, Pharmaceutico, 36 Rue Clichoncourt, Paris**
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informaçoes gratuitas.
A Venda em todas as boas casas PORTUGAL.

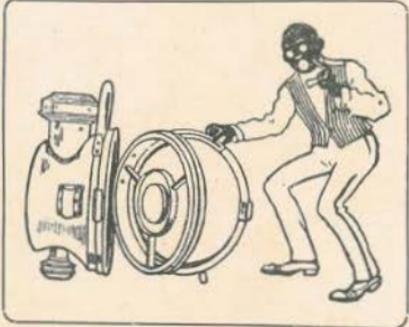
DISPONIVEL

Os reis dos pharoes Os pharoes dos reis

OS PHAROES

B. R. C. ALPHA

SÃO OS MELHORES E DE MAIOR PODER ILLUMINANTE



Acetylène dissous B. R. C.

ILLUMINAÇÃO INCOMPARAVEL

FAINEUF limpa os metais, espelhos e vidros, ficando como novos

VENDE-SE EM TODA A PARTE



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de gossina concentrada faz digerir tudo rapidamente, **GASTRALGIAS, DYSPESIAS.**

A'enda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

L'Epil'vite

L'Epil'vite

CREME EPILATORIA
prompta a ser empregada.
Resultado garantido
permanente, dissolve
barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo.
Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada

M. A. GRAZIANI, Pharm^o de 1^a classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.
Agente dep^o, Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.
Preço do frasco pequeno 800 Reals e do frasco grande 1.400 Reals.

O PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gail, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpignigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 6 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: **43, Rua do Carmo, sobreloja—LISBOA.** Consultas a **1\$000, rs. 2\$500 e 5\$000** rs.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.—Proprietaria das fabricas do PRADO, MARIANAIA E SOBRERINHO (Thomar), PENEDO e CASAL D'HERMO (Lousã), VALLE MAIOR (Albergaria-a-Velha). Escripatorios e depositos: 270, Rua da Princesa, 276—LISBOA. No PORTO: Rua de Passos Manuel, 49 e 51; Endereço telegra. Rua da Princesa, 276

phico: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto Lisboa. Numero telephonico: 508. ○○○○○○

Café Roma

Optimo serviço de jantares, lunches, almoços e ceias. Cozinha de primeira ordem, cozinha a fran'eza. Serviço por doses, melias doses e quartos de doses.

Vinhos e licores de todas as melhores procedencias e qualidades. Preços rasoa-veis. Serviço esme-radissimo. ★★★★★

101, Rua d'Assumpção, 103 (frente aos Armazens Grandella)

O REI DO PORTO

(Episodio da segunda invasão franceza)

Ao sol vivo d'aquella manhã — em 29 de março de 1809 — os dragões do general Delaborde entram de roldão no Porto pela porta da Prelada.

Tinham-se rendido os quarenta e sete reductos da cidade, calado as duzentas boccas de fogo, dispersado os dois mil homens da defeza.

A multidão confundida corria furiosamente, atravessava a porta Nobre, a caminho da ponte de Gaya, fugia espavorida n'um turbilhão onde iam burguezes e va-



*O marechal Soult, duque da Dalmacia
—o rei do Porto*

dios, artifices e fidalgos, freiras e comborças, soldados e barqueiros, toda uma turba amalgamada que buscava salvar-se ao ouvir ribombar a artilharia do bispo nos pincaros do Pilar.

Empurravam-se todos na sua louca anciedade, pisavam-se as crianças, repelliam-se as mulheres, debandavam n'um redemoinhar convulso de terror, voltavam caras espantadas, rostos pallidos onde as boccas tinham espasmos, levados n'um impeto pela approximação da cavalgada franceza que feria lume nas pedras puidas, soltava brados ardentes no vigor da carga, retinia armas e galgava n'uma nuvem de poeira no seu estrepito forte de combate.

Já entrara na ponte a onda rumorosa; uma grita extranha atroava a praia chapada de sol, os vultos apertavam-se a abafarem no espaço estreito onde se encurralavam, sobre aquelle fragil passadiço, debaixo do qual ia lento e azul o Douro. A cavallaria portugueza, recessa de um encontro, atirava-se a toda a brida para o povoleu, os cavallos empinavam-se sangrando pelas ilhargas no espicçar das esporas, cobertos de suor, banhadas de espuma as boccas, encarrapitavam-se para abaterem as primeiras filas na ponte tremula e alguns sacudiam os cavalleiros que buscavam abrir caminho á sabrada, no fragor dos berros, no tiroteio errado da metralha que vinha da serra.

Aquella gente estava ali paralyzada sob o granizo das balas, entalada na vereda estreita, n'uma asphyxia de vinte mil corpos revoltados contra o perigo, perdida a razão, solto o impulso. Os dragões france-



*O general
Bernardim Freire
—irucidado em Braga*

zes, cobertos de poeira, de sangue e de maldições, atropellavam os que ficavam para traz, passavam n'um galope rijo sobre os corpos, por entre pragas, brados e supplicas, emquanto na cidade alta os homens da infantaria derrubavam as portas, escalavam as egrejas, inauguravam o saque e as violações, jungiam comsigo as joias roubadas e as mulheres que os insultavam, arrancavam os habitos ás monjas junto aos altares, tudo aquillo n'uma bebedeira de tomadia, no delirio da lascivia, do terror e do crime que pairava n'aquella manhã calma de março, á entrada da primavera.

Chegando á beira do rio, os dragões estacaram. Na sua frente estendia-se a multidão na delgada facha da ponte, erguliam-se braços desesperadamente, appareciam rostos de criancinhas, subiam choros, vozes, clamores, perto dos cadaveres que ficavam ainda de pé, nas talas de tantos

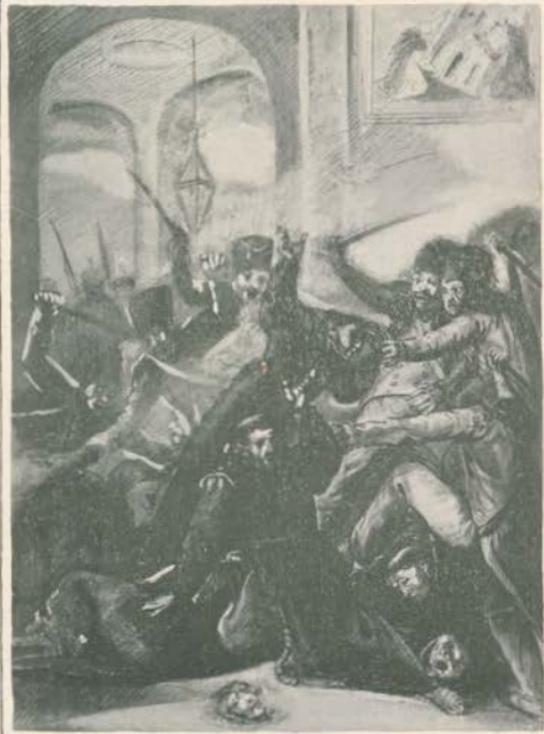
corpos, sob as balas da artilharia, deante dos cavalleiros portuguezes que acutilavam, ao passo que os francezes olhavam n'um pasmo. De repente um berro formidavel, sahido de vinte mil gargantas, atroou o espaço; houve um rapido instante de calada, depois a grita redobrou e a multidão emmaranhada desaparecia sorvida pelos alçapões abertos, cahia da ponte que estalara e ia mergulhar no rio, que se agitava ao choque d'aquelles milhares de corpos. Soldados, frades, damas enroupadas de seda, burguezes e criancinhas, luctavam contra essa agua revolvida por tantos braços, surgiam espavoridos os rostos, as mulheres agarravam-se aos filhos, os homens buscavam salvar-se, um cacho de naufragos luctava, pinhas de gente subiam para os barcos que se voltavam, outras seguravam-se aos ultimos pilares da ponte, n'um desespero, quando já andavam cadaveres boiando, horribéis d'olhos dilatados, vultos que pareciam bailar aos saccões da agua, á luz clara d'aquella

linda manhã de sol, ao som da artilharia que ainda metralhava o rio. Os dragões voltavam á redea solta a fazer calar os tiros dos frades emboscados na serra; um sino dos Clerigos tangia para logo emudecer, bandos de freiras fugiam perseguidas pelas risadas da soldadesca; perto do rio, ao longe, arrombavam-se as adegas e nas aguas iam de levada os afogados de braços abertos, como n'um cortejo. A' tarde o Douro estava tinto de sangue e o sol dourava-o docemente, como se a cidade ali tivesse ido estender a purpura para o rei que ia sollicitar nos primeiros dias do calmo e perfumado abril.

O «SIRE» NICOLAU JOÃO DE DEUS
BRAGA DE CÓCORAS, O PORTO
DE JOELHOS FERREIRA BORGES
NOMEADO POR SOULT O BEIJÃO
MÃO D'UM SOLDADO

O marechal Soult, duque da Dalmacia, entrara na cidade e apparecera uma noite no theatro S. João, onde se representava o bailado *Acis e Galathea*. No panno de bocca destacava-se uma lisonja em letras de ouro: *Viva o grande Napoleão, imperador dos francezes e rei d'Italia*.

O duque, na tribuna, entre o seu estado maior, sorria affavel ao ouvir as palmas e os vivas, o seu nome subindo n'um rumor festivo, toda a cidade a acclamal-o. Nas ruas, o povo, calado, olhava as fardas francezas e via as lindas portuenses perderem-se em sombras mysteriosas, com o amor nos olhos, ao lado dos bellos officiaes. Já passára a furia que trucidara vilmente Bernardim Freire em Braga, que arrastára ca-



O reitor quezera-se d'umas delapidacões
dos francezes

daveres de *jacobinos* nas ruas do Porto, que arrastára a cidade n'um impeto de vingança contra os invasores e contra os que julgavam seus amigos.

Agora todas as noites o S. João dava festas aos francezes, mostrando no panno as legendas mais humildes pintadas por Trajani. Era Marte sobre o globo entregando á Fama o retrato de Napoleão; eram louros soberbos e eram aguias deferindo vôos audazes, eram phases d'um servilismo extranho.

Chegavam todos os dias noticias de Braga, que repellira as tropas de Silveira e era pelos francezes; Sout, a pedido d'uma deputação, manteve no seu cargo o corregedor Antonio José de Mesquita e o Porto jurára fidelidade nas mãos do general Quesnel seu governador; os membros da Relação apoiavam os francezes, logo uma côrte se formava em volta do duque da Dalmacia, que desde então pensou em ser rei da Lusitania Septentrional, deante d'aquellas cidades prostradas.

O *Diario do Porto* declarava firmemente: «A casa de Bragança já não existe; aprouve aos Céus que os nossos destinos passassem a outras mãos e foi particular predilecção da Divina Providencia, que impera sobre o universo, o ter-nos enviado um homem isento de paixões e que só tem a da verdadeira gloria; que não se quer servir da força que o Grande Napoleão lhe confiou senão para nos proteger e livrar do monstro da anarchia que ameaçava devorarnos.

.....
«Porque tardamos, pois, em congregar-nos ao redor d'elle, a proclamal-o nosso Pae e nosso Libertador?! Porque tardamos a exprimir o nosso desejo de o vemos á testa d'uma nação cujo affecto soube tão rapidamente conquistar?!

«O Soberano da França prestará ouvidos aos nossos clamores e se lisongeará de vêr que desejamos para nosso rei um logar-tenente seu e ao mesmo tempo um grande general, que a seu exemplo soube vencer e perdoar.»

Assim entendia o Porto e o duque da Dalmacia rejubilava.

Entrou a fazer-se religioso, recommendou o culto aos seus officiaes e chamou para seu capellão D. José Valerio Velloso.

A cidade viu-o passar n'uma cavalgada brilhante a caminho de Mattosinhos e, lá, ajoelhar deante da imagem do senhor Jesus, ficar uns momentos recolhido. Depois, como o



«O marechal Silveira, que foi repellido pela cidade de Braga

reitor se queixasse d'umas delapidações francezas, sorriu e com a graça d'um soberano offereceu uma lampada de prata, dizendo que pagaria o seu custeio para ficar sempre acesa. Tambem doou dois castiçaes lavrados e, n'um novo rasgo, dobrou a congrua ao padre e o ordenado ao sacristão. Ajoelhou mais uma vez, benzeu-se, moveu os labios n'uma oração e veiu d'ali nomear José Ferreira Borges — que seria o caudilho de 1820 — para auditor junto ao intendente geral do exercito.

De Braga chegaram trinta e seis deputados da nobreza, do clero e do povo e o Porto recebeu-os com morteiros e vivas; os ajudantes de Sout aguardavam-nos em solemne fila e o duque da Dalmacia ouviu-os com o seu sorriso amavel, a conter o seu jubilo. Os de Braga diziam que o throno estava vago, que os Braganças estavam por longe, que tinham necessidade d'um principe para os governar, separando o norte do sul, creando a Lusitania Septentrional; acrescentavam



Os soldados francezes inauguravam o saque...

que Napoleão lhes podia dar um soberano á sua escolha, insinuavam que gostariam de vê-lo a elle, Soult — com a corôa d'esses reis degenerados na sua cabeça de soldado da Revolução. Mas faziam tudo aquillo com subtilzas de frades, docemente, entregando-se nas suas mãos, jurando que, enquanto não viesse a resposta do imperador, a elle prestavam preito, obediência, vassallagem.

O duque da Dalmacia, cheio de contentamento, accceitava tudo, adorava já a Lusitania Septentrional e quasi chorava á falar do Senhor de Mattosinhos, recebendo o auto em que o bispo d'Ibora, representante do prelado de Braga, tambem lhe pedia um rei.

O corregedor Mesquita acabou de falar e o duque respondeu que ia participar os seus desejos — e os desejos da Leal Cidade — a Napoleão e entretanto governaria conforme queriam. Saíram loucos de alegria e os officiaes, espantados, ouviram-nos dizer:

«Não se pode ter linguagem mais cheia de candura

e mais conforme aos nossos interesses.»

O Porto não quiz deixar-se a traz de Braga e d'aahi, na manhã de 26 d'abril, todas as auctoridades e corporações da cidade, com uma guarda de honra de granadeiros e ao som da musica de caçadores 4, atravessaram as ruas a caminho do palacio do governo. O povo seguia mudo aquelle bando que chegava a Carrancas, onde o mais bello estado-maior esperava os deputados, e via-os enfiar pelo portão n'uma alegria extranha. Na sala do conselho, os ajudantes de campo apertavam as mãos aos burgozes; o general Quesnel introduzia a deputação junto de Soult, que solemnemente a recebia.

Agora era o desembargador Frederico d'Almeida Corrêa que, em nome da cidade, sollicitava um soberano para o norte e declarava peremptoriamente que, embora Napoleão não escolhesse o duque, era a elle — Soult, marechal do imperio e grande official da Legião de Honra — que juravam fidelidade e vassallagem, era a elle que queriam com os attributos da realza.

Depuzeram nas suas mãos uma supplica assignada por milhares de nomes, sorriram, curvaram-se e o marechal disse-se fiel respeitador do Porto, que desejava erguer, e contricto devoto da sua religião; falou docemente, com um ar de bom principe que recebe delegados dos seus povos, a sentir já o doce peso da corôa d'esse Bragança que descançava, simonteangando com os Lobatos do guarda-roupa, nas sombras placidas da sua chacara colonial, a vêr-se já com a purpura pelos hombros, uma insignia vermelha laivada d'ouro, como as aguas do rio no dia da sua entrada na cidade e pensava na resonancia realenga do seu nome quando lhe chamassem *sire* — a elle, Nicolau João de Deus Soult — antigo soldado da republica.

Já ia longe a recordação do tempo em que fugira de casa de seu pae, o modesto tabellião de Saint Amand la Bastide, para ir sentar praça de soldado; a alvorada da revolução, as batalhas ao som revolutado da *Marselhesa*, as suas opiniões e os seus ataques aos aristocratas, a era em que fôra eleito sargento pelos



camaradas, toda a epopeia, todo o passado.

Queria ser rei d'esse Porto que ajoelhava na sua presença e lisongeara-o com a sua habitual maneira, como lisongeara Hoche e Bonaparte consul, os

membros do Directorio, os grandes e o imperio, como lisongearia sempre até morrer o poder que se erguia. Falou de novo do seu amor pela Lusitania Septentrional e pelo Senhor Jesus de Mattosinhos.

Um rumor doce de applauso passou na sala nobre do paço de Carrancas e logo, diz o *Diario do Porto*, de 29 de abril — *cada um dos membros da deputação teve a honra de beijar a mão a s. ex.ª*

Os dorsos curvaram-se, os deputados pousaram os labios na mão do soldado; fizeram-se reverencias, trocaram-se saudações e depois, ao som das musicas, tudo aquillo recolheu á Casa da Camara.

Soult mostrava-se já como um rei a valer, julgava-se já vindo d'uma velha dynastia ou fadado desde o berço para a realza como um d'esses soberanos d'outras eras deante de quem a sorte se inclinava. Achava agradável chamar-se Nicolau I. O Porto ajoelhado acabára com um tal Nicolau João Maria, velho soldado da revolução.

○ CONTAGIO DO RISO ◀ UM D'ARTAGNAN DO GRANDE EXERCITO ▶
◀ UN SONEO DE SOLDADO

O duque da Dalmacia sentia-se, pois, soberano da Lusitania Septentrional. Os habitantes do Porto queriam investir-lhe a purpura e só aguardavam a resposta de Napoleão, que combatia nas margens do Danubio.

O general Richard — chefe do estado maior de Soult — participava em seu nome o succedido, dizia que o marechal ir reunir côrtes e pedia aos outros generaes a quem se dirigia para auxiliarem as votações nas terras dos seus commandos. O duque queria o sufragio universal.

Houve um pasmo no exercito. Por essas cidades onde se alojavam os chefes, rebentou rija a gargalhada. As serras repetiram-nas n'uma cadeia de troça ao general que queria ser rei; o espirito gaullez explodiu. Escreveram-se satyras. Não se falava senão no rei *Nicolas*. Depois, por uma natural reacção, pensaram em prendel-o como a um doido, entregando o commando ao general mais antigo.

Sobretudo os velhos officiaes republicanos do exercito do Rheno indignaram-se; disseram alto e bom som que estavam fartos de servir ambições, para collocarem em thronos por elles conquistados uns reis

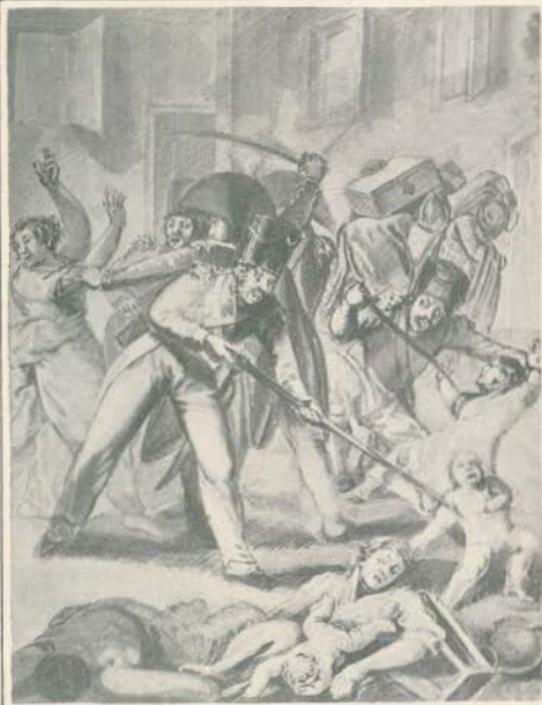
como Jeronymo, o perdu-lario, José, o fatuo, Hortense, Paulina, Elisa, Carolina, as dissolutas, Murat, o *Franconi* do Grande Exercito! E queria tambem esse Soult achar uma corôa na Lusitania?!

Outros, ligados pela legenda a Napoleão — e entre estes Delaborde — gritavam, diziam que era uma temeridade tratar as cousas sem consentimento do imperador. Os terceiros, todos realistas, clamavam que esses reis assim feitos eram prejuizos á propria França. Só o estado-maior lisongeara o marechal, que ia sempre ás festas, recebia os burguezes, conversava com Ferreira Borges, preparava a sua realza, deixando de se fortificar na cidade, não pensando já em bater os inglezes alojados em Coimbra, d'olho á mira.

Quesnel, governador do Porto, delibrou falar a Soult, mostrando-lhe o seu erro. Foi claro e altivo e o outro



A cidade estava tomada...



Os soldados roubaram a Caixa dos Orphãos e assassinaram

franzindo o sobr'olho, na sua magestade offendida, declarou que isso eram negocios entre elle e Napoleão e não admittia aos seus officiaes conversas sobre o assumpto.

Mas o general, n'um impeto, respondeu: «A sorte que tiveram os generaes de Dupont prova que o imperador sabe fazer partilhar aos subalternos as culpas dos chefes!»

Disse e retirou-se tilintando as esporas pelas salas, diante dos ajudantes admirados.

No meio das opiniões diversas surgiu uma deveras phantastica e que roubou talvez o throno a Soult. Era seu auctor o capitão Argenton, do 18 de dragões, realista exaltado, extranho mixto de mosqueteiro e *chouan*, amando os lances romanticos, sonhando aventuras loucas, cultivando o ideal sem medo do perigo.

Queria deixar proclamar o duque rei do Porto. No estado em que o exercito se encontrava isso daria a revolta. Soult seria preso e, logo, passando-se a Hespanha e arrastando-se

os trezentos mil homens da invasão, entrar-se-hia em França com bandeira branca arvorada a depôr Napoleão, a inaugurar a dynastia dos Bourbons. Seria a paz da Europa, os velhos reis restituídos aos seus thronos, a Inglaterra tranquilla. Necessitava, porém, que os inglezes deixassem atravessar o exercito e o auxiliassem.

Então, como um cavalleiro d'outras edades, embuçado na sua capa de aventuras, galgou os caminhos e foi ter com Wellesley a Coimbra.

Na sua linguagem de sonhador, contou ao general inglez as divisões do exercito francez, falou em nome dos chefes que não o tinham a isso autorisado, expoz o seu plano.

Wellesley, fleugmaticamente, ouviu aquelle homem do sul tratar d'uma loucura, aprendeu o que se passava nas fileiras inimigas, mas matreiro e astuto pediu-lhe que voltasse mais vezes a combinar o plano que carecia ser meditado.

E Argenton voltava crente e aventuroso, no galope da sua montada, no mysterio da sua capa, pelos prados de Coimbra. Julgavam que ia a entrevistas d'amôr e sorriam, deixavam-no folgar, achavam-no bello com o seu gesto de mosqueteiro e a sua veste romantica.

Mas uma noite — a ultima que falou a Wellesley em Coimbra — viu que os inglezes se preparavam para tomar o Porto d'assalto, ante as zangas dos francezes, ante a demorada inadvertencia de Soult.

Saiu d'ali como louco e ao atravessar a brigada Lefebvre, ao vêr aquella avançada tão tranquilla os homens dormindo à luz dos fogachos, sob a doçura do luar, pensou como elles seriam surprehendidos pelos inimigos e n'um impeto correu à tenda do general, seu antigo chefe, disse-lhe tudo, supplicou-lhe que o ajudasse a depôr Soult — ainda crente no seu sonho — não vendo o outro empallidecer, chamar a si toda a coragem para não succumbir. Só viu tudo perdido quando Lefebvre lhe disse a meia voz, na luz do fogareu que > illuminava, todo o horror que praticára.

Argenton, d'essa hora em diante, estava condemnado. O general correu ao quartel de Soult, acordou-o talvez do seu sonho de corôas e mantos reaes, disse-lhe o que se passava, o segredo da conjura, as opiniões do



exercito. E pallido de colera, ao vêr esvair-se a sua ambição, o marechal mandou prender o capitão Argenton. Lefebvre sollicitava ainda o seu perdão. Soult pensava em remediar as suas faltas, mas era já tarde. Wellesley começára a sua marcha terrivel. O duque da Dalmacia via agora a colera do imperador, sentia-se tambem condemnado.

UM REINO QUE ERA UM SONHO ❀ A RETIRADA D'UM MARECHAL ❀ O CULTO DO SENHOR DE MATTOSINHOS

Soult estava ainda á mesa do almoço quando lhe vieram dizer que os batalhões de Murray passavam o Douro em barcas que o povo lhes levára. Os soldados correram ás armas; Mermet bateu-se como um leão. Delaborde e Foy ficaram feridos querendo repellar os ingleses para o rio. Mas era impossivel. A cidade estava tomada. Os doentes foram abandonados, os soldados roubaram a Caixa dos Orphãos e atearam incendios. Fugiu-se para Baltar e ali as accusações começaram a ouvir-se. O mais acoidado de culpas era o marechal cujo sonho de ser rei já se sumira ante a derrota. Na sua grande colera increpa Argenton — o grão d'areia que lhe voltára o carro triumphal — manda-o carregar de ferros e quer entregal-o a Delaborde, que recusa dizendo que todos pensavam em deixar fugir esse aventureiro romantico para se lançar um véu sobre os acontecimentos e que elle não queria ficar como cumplice d'essa fuga.

Com effeito Argenton fugiu e mais tarde, saindo do meio dos ingleses onde se acolhera, foi apanhado em Bolonha. Um conselho de guerra condemnou-o á morte. Era uma bocca que se calava e era uma torpe traição que se punia, um mysterio que se encobria.

Agora o exercito retirava a caminho de Braga, seguia pelas serras, ia pelos despenhadeiros de Santa Catharina.

Soult tomou uma resolução desesperada. Mandou queimar as munições que não se podiam conduzir, fez saltar a artilharia, distribuiu o dinheiro das caixas. Passou n'uma rajada em Salamonde e Ruivães, metteu-se para as bandas de Orense e proximo do Mizarella viu o povo armado e as avanças de Beresford guardando um desfiladeiro onde só cabiam dois homens a par.

Então, como uma serpente ferida, o

exercito corre, desdobra-se, collea, galga as penedias, foge e salva-se n'uma furia, sob o tiroetejo, deixando um rastro de cadaveres.

Assim terminou o sonho de quarenta e cinco dias. A realza de Soult caiu, foi arastada no turbilhão do imperio sempre agitado. Mal se falou d'ella. Mas o marechal, nas suas noites de febre, devia lembrar-se d'um rio tinto de sangue, cá bem longe, na Lusitania, levando vinte mil cadaveres e tambem d'um rosto tranquillo na sua severidade — o do Senhor Jesus de Mattosinhos — deante do qual ajoelhára sem fé a ofertar-lhe uma lampada de prata, com o culto d'uma luz eterna: a luz da sua lisonja e da sua peita, boas para os homens, mas ruins para os deuses.

ROCHA MARTINS.



Wellesley, duque de Wellington

(ESTAMPAS DA BIRL. NAC.)

A TAÇA LEIXÕES CORRIDAS DE NATAÇÃO



O desafio entre os grupos de Lisboa e Porto

As photographias que publicamos reproduzem varios aspectos das corridas de natação que se realisaram na baía de Leixões, no dia 15 do corrente.

A primeira corrida, que era a do desafio entre o grupo de Lisboa e o do Porto, foi ganha por este ultimo.



Assistindo á corrida—Momentos antes da largada da primeira corrida
—Grupo de nadadores que disputaram a posse da Taça Leixões



Esta corrida era de quinhentos metros, em uma só linha e n'ella entraram cinco nadadores de cada grupo, distinguindo-se os do grupo de Lisboa, organizado, a instancias do Real Gymnasio Club Portuguez, pela Liga de Nataçao, por gorros brancos, e os do grupo do Porto, organizado pelo Real Velo Club do Porto, por gorros pretos.

O grupo portuense, vencedor como já dissémos, realisou o percurso respectivo em 10 minutos e 14 segundos.

Era n'esta primeira corrida que se disputava a Taça Leixões, instituida, em 1907, pelo Real Velo Club do Porto, e que, assim, continuou a ficar na sua posse.



Um aspecto do molhe norte na occasião das corridas—Largada dos nadadores da segunda corrida

—Os vencedores da terceira corrida: Os primeiros dois da direita fazem parte da tripulação da corveta Estephania e o terceiro do Berrio

—Os vencedores da segunda corrida



*William Wright chegando á meta
Os vencedores da primeira corrida: sentado William
Wright (Taça Leixões); á direita
Lacy Rumsey, que chegou em segundo lugar, e ao centro
Eduardo Dumont Villares, o terceiro*

Realisaram-se em seguida a esta principal mais duas corridas, uma com o mesmo percurso de 500 metros e nas mesmas condições, para menores de profissão marítima, e outra de mil metros, ida e volta, para nadadores de profissão marítima, civis ou militares, cabendo, em cada uma d'ellas, tres premios aos tres respectivos vencedores.

As corridas realisaram-se junto ao molhe do norte da bacia de Leixões, vendo-se numerosa assistencia, que fez aos vencedores, por occasião da entrega dos premios, uma entusiastica manifestação.



*O jury das corridas: Srs. A. Vieira da Cruz, Arthur Rumsey, commendador
A. E. Molla Ribeiro, Fernando Nicolau d'Almeida, 2.º tenente
da armaça Costa, Arthur Turner (CLICHÉS DE CARLOS PEREIRA CARDOSO)*

A OBRA DA INFANCIA DO SÉCULO OS BANHOS DA TRAFARIA

O triunfo que está coroando com os fulgores do exito a obra generosa de protecção á infancia, iniciada pelo *Século*, representa, mais do que a victoria das causas nobres, o triumpho imperioso da mocidade e uma surpreendente exhibição das suas forças intactas n'um paiz que o culto da velhice levou, pela mão fria, desanimada e tremula dos anciãos, á decadencia immerecida do presente. Desde o dia em que o medico Samuel Maia lançou á terra fecunda que é a publicidade enormissima do *Século* a semente compassiva e generosa da ideia, cem mil vezes multiplicada diariamente por todo o paiz, do salvamento, por uma intensa protecção á infancia, de



uma raça ameaçada de estiolamento, até ao dia de hoje, não mediarão ainda seis mezes. N'este curto periodo o *Século*, emquanto o charivari parlamentar ensurdece a nação e os ministros se debatem nas intrigas phreneticas dos profissionaes da politica, poz em alvorço toda a população pobre da cidade e conseguiu impôr ao paiz, pela força convincente dos inqueritos, n'uma propaganda que pôde considerar-se a obra de maior alcance empreendida pela imprensa portugueza, a verdade temerosa de que o abandono a que estão votados os pobres está preparando uma geração debil de aleijados, que sossobrarão perante as exigencias trabalhosas do futuro.



As creanças á pôpa do vapor da alfanega
— Aspecto da praia na occasião da chegada das creanças

Não pretendeu o *Seculo* realizar a obra de salvação que só o Estado deve e pôde praticar perante as comminatorias advertencias de uma calamidade assim dramaticamente desvendada por uma pleiade juvenil de medicos, que foram ás escolas observar a geração de amanhã e tornaram publico o seu depoimento pungente. Mas quiz o *Seculo* preparar o caminho ao advento d'essa obra nacional e fazer a sua evangelisação pratica e fecunda. Não o desanimaram as dificuldades e os dispendios de uma tão vasta iniciativa. Não houve sorrisos incredulos nem encolher desdenhoso de hombros que afrouxasse as energias ou entibiasse a fé dos homens novos a quem o *Seculo* confiou a direcção da sua cruzada humanitaria. Oito mil creanças affluiram, pela mão de oito mil mães alvoroçadas, ao salão da *Illustração Portuguesa*, convertido no mais bello e salutar dos consultorios, onde o emocionante inquerito da infancia vae proseguindo e desenrolando, em phases successivas de preparação methodica e de conclusões peremptorias, as suas peripicias animadas.

Rapidamente, a obra admiravel está assim attingindo as proporções impressionadoras de



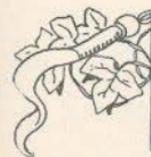
uma função social, que diminasse da iniciativa tutelar do Estado, a tal ponto que muitos esquecem que ella representa apenas, em toda a sua grandezza, a propaganda de uma ideia benemerita. Como vae o governo emprehender a organisação definitiva d'essa ideia lançada por um jornal e cuja continuidade benefica já a caducidade egoista dos grandes politicos não logrará impedir que se perpetue? Quaes serão os successores officiaes d'essa pleiade de medicos que não pertencem á Academia, que não são conselheiros, que nunca foram deputados, que as secretarias de Estado não conhecem, e que tão eloquentemente exemplificaram a superioridade da fé, da perseverança, da energia e da intelligencia da gente

nova sobre o scepticismo dissolvente, a impertinencia orgulhosa, a vã experiencia e a prosapia arrogante dos consagrados?

Essa pergunta faziamos por uma d'estas manhãs de luz e amenidade com que o céo acaricia tão prodigamente Lisboa, ao atravessarmos o Tejo entre a algazarra festiva das cem pobres creanças que todos os dias o *Seculo* agora leva, n'um alegre passeio matinal, Tejo abaixo, até aos areas da Trafaria



O cabo do mar da praia da Trafaria
—Aspecto da praia na occasião do banho: a Real Panfarra da Trafaria



ria. Dir-se-hia que pela primeira vez esse bando pallido de creanças olhava a vida na sua belleza e que para ellas pela vez primeira se desvendavam os aspectos sorridentes da natureza, com o esvoaçar das gaivotas sobre a franja espumante das vagas, os reflexos doirados da soalheira no agitado manto azul das aguas e o desdobramento panoramico da cidade, que ascende em colorido presepio, toucada pelo sol canicular, n'um recorte de cupulas, mansardas pombalinas e leques de palmeiras no irradiante azul anil dos horisontes.

Os leitores poderão reconstituir pelas photographias que illustram estas paginas a recepção festiva que a Trafaria preparou ás creanças protegidas do *Seculo* no primeiro dia em que lá as levou a tomar banho. Mas

que ellas não poderão evocar-lhes senão de maneira imperfeita é a felicidade commovedora que transfigurava as facesinhas pallidas d'essas creanças, que pela primeira vez, como os filhos afortunados dos ricos, puderam brincar na

praia, passeiar no Tejo e almoçar no convéz de um vapor com o appetite saudavel com que as brisas iodadas do mar lhes trouxeram o vago, inconsciente desejo de serem vigorosas e bellas, para bem cumprirem na vida a sua missão de amor e de trabalho.



As creanças no banho preparando um mergulho
—A distribuição de pão, bolachas e leite

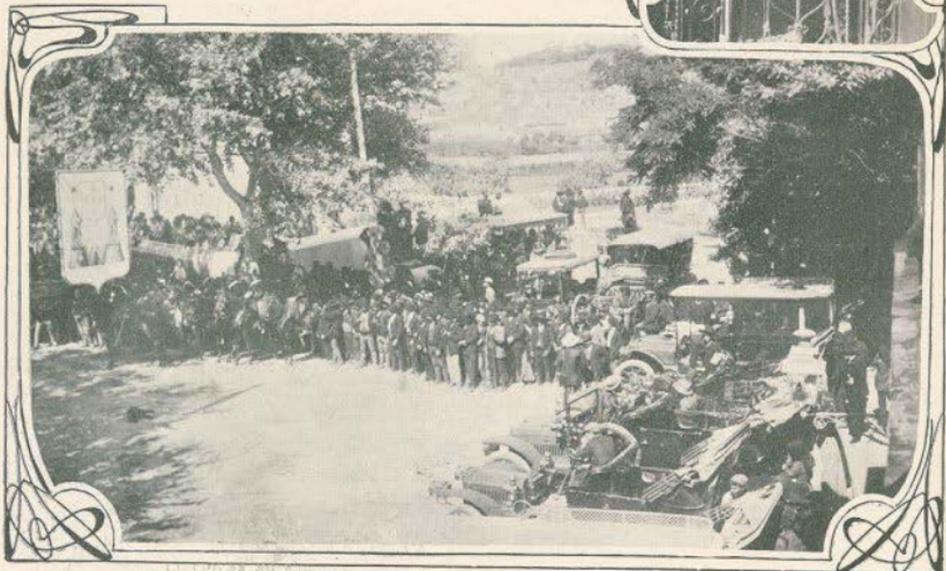
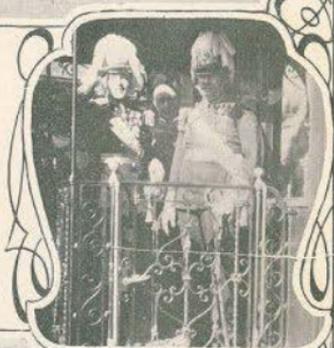
(CLICHÉS DE BENOLIEL)

A BATALHA DO VIMEIRO A SUA COMMEMORAÇÃO



A comissão de Torres Vedras organizadora das festas do centenário

Modestamente, tristemente, prudentemente se realizou a cerimonia commemorativa da batalha do Vimeiro. Depois das festas grandiosas e solennes com que a Hespanha inaugurou o centenário das guerras peninsulares contra Napoleão, o juvenil rei de Portugal, vigiado pela policia e escoltado pela cavallaria, foi convidado a ir inaugurar perante uma assistencia resumida de militares e de camponios o singelo monumento commemorativo do historico combate que decidiu da partida de Junot e com que tardiamente resgatámos os opprobrios da primeira invasão dos exercitos francezes.



El-Rei e o senhor D. Afonso na varanda da carruagem real—Aspecto do largo da estação de Torres Vedras antes da chegada de El-Rei



O monumento commemorativo da batalha do Vimieiro inaugurado no alto do Vimieiro por El-Rei no dia 21 de agosto
—Uma vista do Vimieiro tirada do alto



Sua Magestade El-Rei, seguindo pelas ruas de Torres Vedras em direcção à Camara Municipal acompanhado pela sua comitiva militar e pelo elemento official, que tomou parte na commemoração da batalha do Vimieiro



As camaras de Torres Vedras e Lourinhã, com os seus estandartes, junto do monumento antes de descerrada a inscripção

Foi uma cerimonia melancolica, desordenada, que mais parecia comemorar uma derrota do que um triumpho. Fez a commissão executiva do centenario o pouco que lhe consentiam os minguados recursos de que dispunha. O governo, por sua parte, negando até a essa solemnidade o apparato marcial que podia emprestar-lhe a compendencia, no local da batalha, das forças militares da 1.ª divisão, limitou-se a concorrer para essa festa nacional com a pallida allocução do sr. ministro da



El-Rei cumprimenta o coronel de infantaria 24 como representante dos regimentos que tomaram parte na acção do Vimieiro

para ouvir uma enfadonha lição de historia ao seu ministro da guerra é fazer-lhe pagar bem caro o privilegio de ser rei...

A *Ilustração Portugueza* faz votos porque a celebração vindoura da batalha do Bussaco resgate, pela sua significação patriótica e pela grandeza de que devem revestir-se estas solemnidades civicas, a impressão desconfortadora que a todos deixou a lição de historia do Vimieiro.



Os padres do Varatojo que aguardavam na estação de Torres Vedras a chegada do comboio real

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



ONDE IREMOS PASSAR O VERÃO

O QUE SÃO E O QUE
PODERIAM SER AS
PRAIAS, THERMAS E
ESTANCIAS DE VERÃO EM PORTUGAL

IV

MATTOSINHOS E O SEU PORTO DE LEIXÕES
LEÇA E A SUA SOLIDÃO Povoação de VAR-
ZIM E AS SUAS MOSCAS VILLA DO CON-
DE E O SEU MOSTEIRO

Mattosinhos? Eu não sei se essa prospera villa, que possui e guarda religiosamente um milagroso Bom Jesus que, em tempos remotos, as ondas á sua praia arremessaram, tem a pretensão de ser formosa. Em verdade não é. As suas casas são modestas e banaes; as suas ruas, talhadas outr'ora ao acaso e hoje em symetria, sem nada que lhes marque um cunho de originalidade ou de belleza. Não tem sequer uma linda vista de mar, como a sua vizinha Foz; e o porto artificial de Leixões marcando-lhe, em compensação, um prospero futuro commercial, destruiu todo o pittoresco da sua praia. Entre Mattosinhos e Leça corre porém o rio que deu o nome a esta ultima povoação e que, navegavel nas marés boas, offerece um passeio a que sem duvida não falta o pittoresco.

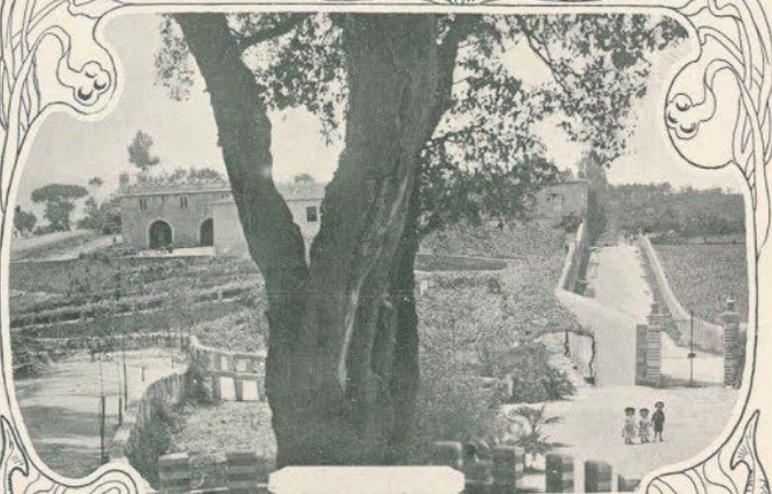
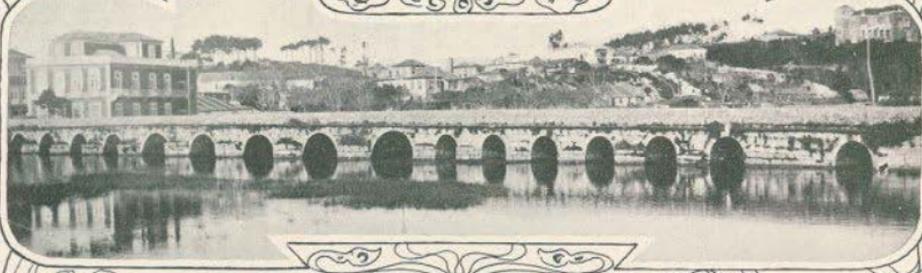
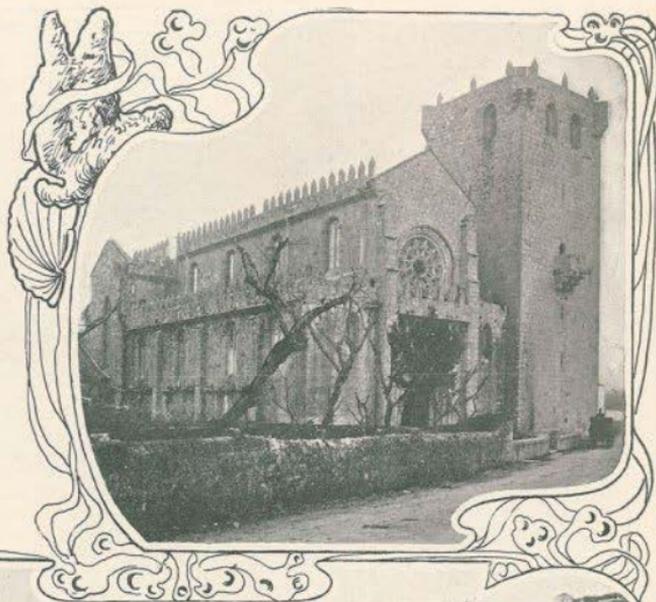
Leça, mais bem situada, não tem construcções que se impo-



Capella do Senhor do Padrão, no local onde appareceu a imagem do Bom Jesus, em Mattosinhos — A igreja do Bom Jesus de Mattosinhos

(CLICHÉS DA PHOT. INDUSTRIAL, DO PORTO)

nham pela beleza nem possui tampouco os atractivos d'uma estancia moderna. Mas tem qualquer coisa de insinuante no seu recolhimento de mysterio. Segundo Ramalho, o maior defeito d'essa praia está em ser a sua vida objectiva quasi exclusivamente mineral e vegetal: «Entre tantas casas, tantos quintaes, tão bellas arvores, o animal desaparece, o cão esconde-se, o homem sepulta-se, a mulher some-se. O habitante de Leça foi, por muito tempo para mim como o habitante da antiga lua — um problema». Esse defeito quer-me comtudo parecer, leitor amigo, o signal revelador de muitas qualidades. Se eu entrar comtigo n'essa modesta e recolhida praiasinha, posso, é certo não ver, de golpe, na primeira rua por onde tome, nem homem, nem mulher, nem cão,



nem outro animal. Mas se lá formos á noite e, pondo-nos em bicos de pés, porque em geral as casas não são altas, olharmos para dentro d'uma, através de qualquer janella discretamente illuminada, lá veremos homens, mulheres e creanças, em redor d'uma mesa com flores, que um candeeiro de *abat-jour* vermelho illumina; e um cão descançando no chão, sobre um tapete; e um canario dormindo sobre

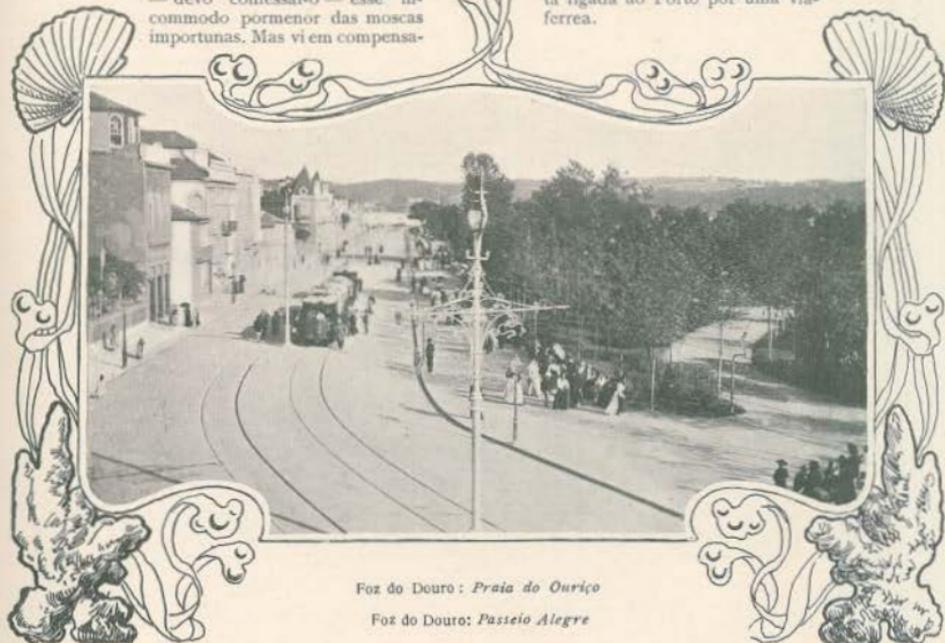
Leça do Bailio, nos arredores do Porto
 — Ponte de pedra sobre o rio Leça (CLICHÉS
 DA PHOT. INDUSTRIAL, DO PORTO)
 — Uma quinta de Leça da Palmeira



o seu poleiro, n'uma gaiola pendurada entre os cortinados brancos das janellas. Em tudo, uma impressão de commodidade, de lar, de aconchego, que convida ao descanço as almas perturbadas pelas agitações de uma vida de lucta e de trabalho.

O mesmo illustre Ramalho, quando chronista espirituoso das praias lusitanas, disse da Povoa de Varzim, patria do nosso grande Eça de Queiroz, que, n'essa conhecida e frequentada praia do norte, «as moscas cobrem os muros, as hombreiras das vitrines e os mostradores das lojas, n'uma immobilidade, n'um goso, n'um extasi que impressionam particularmente o forasteiro.» Na rapida visita que em tempos fiz a essa estancia de todo me escapou — devo confessal-o — esse incommodo pormenor das moscas importunas. Mas vi em compensa-

ção muita gente de diversos aspectos e feitos, uns sympathicos e antipathicos outros, acotovellando-se pelas ruas estreitas e pelos cafes-cantantes n'uma promiscuidade pouco ao sabor dos gostos delicados. A Povoa está junto de Villa do Conde, povoação interessante, celebre pelo fabrico das rendas, e onde existe um convento fundado por D. Affonso Sanches, bastardo de D. Diniz, convento que no seu tempo foi notado pela fidalguia, que albergava cento e vinte freiras ricas e que, como architectura, é um grande edificio da renascença franceza, ostentando sobre a cimalha, junto de uma monja com o habito de Santa Clara, o braço do mosteiro: um grande elephante branco, symbolo da castidade. A Povoa está ligada ao Porto por uma via-ferrea.



Foz do Douro : Praia do Ouriço

Foz do Douro : Passeio Alegre



Vista geral da Figueira da Foz

AS PEQUENAS PRAIAS ♣ A MAIOR DE TODAS: FIGUEIRA DA FOZ ♣ OS SEUS ESTUDANTES, OS SEUS CASINOS, OS SEUS PANORAMAS E AS SUAS HESPAÑOLAS

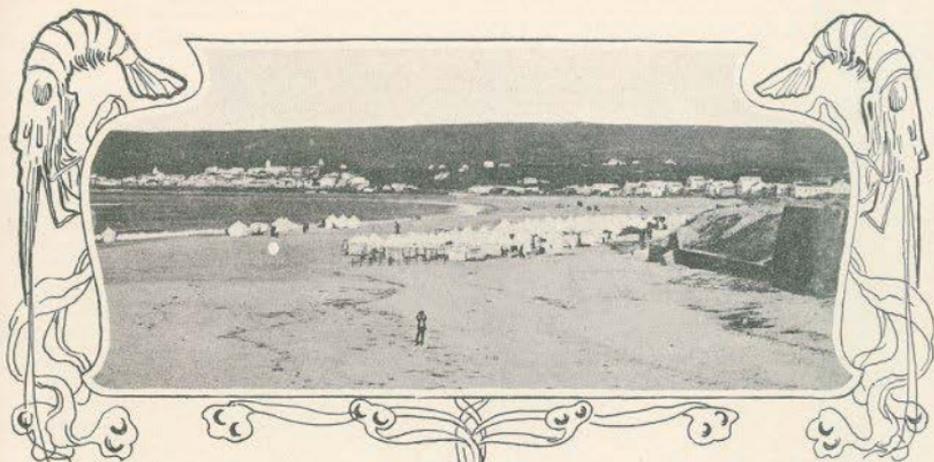
Ha ainda por esse Portugal fóra outras pequenas praias que tu, leitor amigo, poderás escolher se abominas a convivência e te apraz a solidão. Lembrote Ancora, entre Vianna e Caminha, Apulia, perto de Espozenda, Nazareth, já regularmente frequentada, junto ás Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, povoação de pescadores, a pouca distancia das Caldas e Alcobaça, Assenta, nas proximidades de Torres Vedras, S. Pedro de Moel, perto do pinhal de Leiria, e Agu-

da, nas proximidades de Lavadores. E ha tambem a grande praia-cidade, de todas a mais concorrida e, na opinião de muitos, a mais bella: a Figueira da Foz.

A Figueira, com grandes casinos, bons hotéis, excellentes confortos de cidade, fica a 44 kilometros de Coimbra, é estação terminus de uma linha ferrea e gosa d'uma situação panoramica admiravel, com a bahia de Buarcos á direita e á esquerda os rochedos sobre que assenta o castello de Santa Catharina que defende a foz do Mondego. Pelas suas ruas animadas e barulhentas as filhas da alegre Hespanha cruzam a meudo com as capas negras dos estudantes da visinha Coimbra. Figueira é, em summa, leitor amigo, a praia



Doca e ponte da Figueira da Foz



Figueira da Foz:

que deves escolher sem hesitar se o teu proposito é divertires-te longe das pragmaticas, dos *Sportings* pretenciosos, rindo e brincando sem risco de quebrar ponta sensível d'alguma corôa de nobreza e sem o calamitoso perigo de desmanchar na sua symetrica compostura, sobre o peitilho brilhante, o laço da gravata.

Disse-te pois, amigo leitor, onde por esse Portugal poderias, com mais ou menos aprazimento, levar os calmosos tempos do declinar da primavera, do verão ardente, e do alvorecer do outono. Mostrei-te Cintra, o Bussaco, o Bom Jesus do Monte, disse-te a longa serie

Praia de banhos

das thermas com as suas especialidades preciosas para o allivio dos mais diversos males, percorri contigo de norte a sul as praias de Portugal, por vezes até, valha a verdade, na bizarra companhia d'alguns dos espiritos meliores da nossa terra. Ignoro se fixaste a tua escolha. E' possivel que fixasses e que, experimentando, te não sintas arrebatar no fogo crepitante d'um entusiasmo intenso. Eu acho natural que assim succeda. E dir-te-hei porquê.

PAULO OSORIO.

(*Continúa.*)



Vista geral de Buarcos

MINISTRO DA GUERRA DO BRAZIL EM LISBOA

No dia 23 do corrente passou por Lisboa, a bordo de um dos vapores da Hamburgo America Linie, o *Cap Blanc*, o sr. marechal Hermes da Fonseca, illustre ministro da guerra do Brazil, que vae assistir ás manobras militares na Alsacia Lorena.

O illustre viajante desembarcou



O sr. ministro dos negocios estrangeiros apresentando os seus cumprimentos ao marechal Hermes da Fonseca

indo almoçar em seguida ao Avenida Palace, acompanhado do dr. Itibiré da Cunha, illustre ministro do Brazil na nossa côrte.

O sr. marechal Hermes da Fonseca, que manifestou de modo bastante amavel ter recebido uma lisonjeira impressão de Lisboa, prometeu demorar-se mais na nossa capital por occasião do seu regresso.



A familia do sr. marechal Hermes da Fonseca desembarcando em Lisboa

No caes da Superintendencia do Arsenal: Os srs. marechal Hermes da Fonseca, ministro da guerra do Brazil, conselheiro Wenceslau de Lima, ministro dos estrangeiros de Portugal, e dr. Itibiré da Cunha, ministro da república dos Estados Unidos do Brazil em Lisboa.

no caes do Posto de Desinfecção, com as pessoas de sua familia e da respectiva comitiva militar, e, aproveitando as poucas horas que teve de demora na nossa capital, visitou a igreja dos Jeronymos e deu um passeio de automovel pela Avenida da Liberdade até ao Campo Grande,





A 15 DIAS DA CAÇADA

Grupo de excursionistas á serra do Gerez em 1892:
Da esquerda para a direita: Sousa Pereira, Carlos Lobo
d'Avila, visconde de Guilhomil, Mendes d'Almeida
e empregados florestaes

Do illustre silvicultor sr. José Thomaz de Sousa Pereira, a quem Emydio Navarro, com o título admirável que o caracter sava, escolheu para emprender os primeiros trabalhos do repovoamento florestal, quando o Estado se apossou pela força das armas dos 10:000 hectares de baldios que hoje constituem as matas do Gerez, publicamos o interessantissimo artigo, cujas preciosas indicações tão uteis serão para os caçadores e excursionistas.

E' bem digna de todo o apoio a idéa lançada pela *Ilustração Portuguesa* de uma excursão venatoria á serra do Gerez, á qual certamente corresponderá um entusiastico acolhimento da parte de todos os que, de norte a sul d'este bello paiz, cultivam apaixonadamente o exercicio da caça, que n'aquella região abunda; de todos os que se interessam, com verdadeiro amor, pelos encantos naturaes da sua terra e que, n'aquelle recanto do paiz, se succedem, prendem e enthusiasmam.

Para os bons resultados da grandiosa tentativa vão os nossos melhores votos e pena é que a *Ilustração Portuguesa* não lhe tenha dado maior latitude, abrindo no seu programma logar especial para um grupo puramente scientifico, que, dividido em secções technicas, tomasse a seu cargo o estudo da fauna, flora, orographia, anthropologia, etc.; como em 1881 se praticou na serra da Estrella, por iniciativa da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, que hoje, parece-nos, se interessaria igualmente pelos trabalhos de uma nova excursão scientifica á serra do Gerez, onde os que gostam de estudar encontraríam

largo campo para as suas explorações e elementos para farta colheita de productos, que brilhantemente representariam tão bella região e bem ficariam em qualquer museu.

Descrever a serra não é tarefa facil, e, ainda que o fosse, seria tirar aos que ali vão pela vez primeira o goso do imprevisto, tanto mais que as surpresas são muitas e a serra é, pela riqueza da sua variada vegetação, rendilhado dos seus massiços, accidentes das suas rochas, abundancia e finura das suas aguas, a mais bella de Portugal, e onde a natureza, dando ao todo um relevo de phantasia sem equal, completando a sua obra, abriu mão prodiga, povoando-a de inestimaveis thesouros.

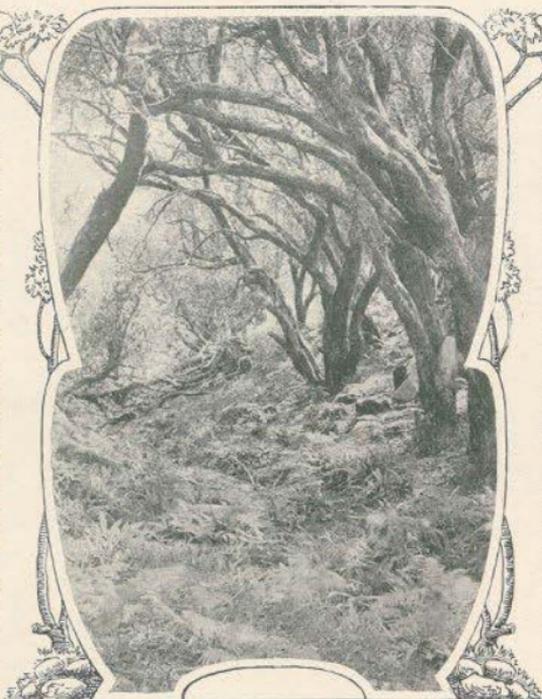
A historia natural da serra teve sempre apaixonados investigadores, entre os quaes citaremos Pereira Araujo, Link, Brotero, Rebello de Carvalho, Welwitsch, Barbosa du Bocage, M. Paulino d'Oliveira, dr. Julio Henriques, Adolpho Moller, Alfredo Tait, Rego Lima, Paulo Choffat, Emilio Biel, Wagner, etc.

Muitos d'estes illustres homens de ciencia e devotados gerezistas lograram descobrir especies novas, e, assim, coube ao insigne botanico e professor dr. Julio Henriques a fortuna de encontrar e descrever a *Armeria Willkommii* (Henriq) e a *Iris Baissieri* (Henriq); ao sabio zoologo Barbosa du Bocage a *Chioglossa lusitânica* (B. Bocage) e a *Cabra Hispanica*; a Rego Lima, o mais perfeito bloco, contendo em

destaque e em bellos chrystaes, os elementos componentes do granito, estando reservado ao eminente geologo Paulo Chofat o encontro do primeiro gneiss.

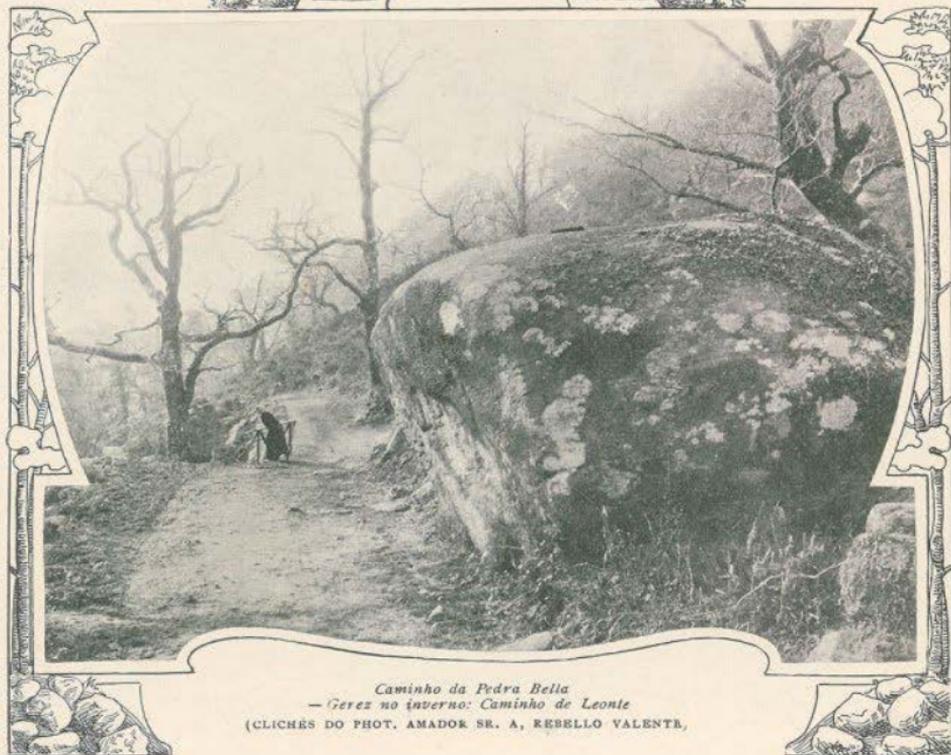
A serra esteve até 1888 entregue ao vandalismo dos naturaes, que, mais por ignorancia do que por malvadez, a transformaram amiudadas vezes em largo braseiro, que a pouco e pouco ia destruindo a riqueza dos povos limitrophes, a amenidade do clima e tanta e tão variada preciosidade da fauna e flora.

Por fim, um homem cheio de energia e boa vontade de ser util á sua patria, e que honrou como ainda ne-



nhum outro as cadeiras do poder, a instancias de El-Rei o Senhor D. Luiz I, submetteu a serra ao regimen florestal. Esse homem, que sabia de tudo, porque tudo estudava, que deu á agricultura nacional o maior impulso e reformou a sua secretaria, dando-lhe, por completo, uma nova e benefica orientação, rasgando-lhe novos horizontes, foi Emygdió Navarro.

Trazendo para aqui os nomes de profissionais e distinctos amadores naturalistas, que, com entusiasmo, teem estudado e explorado a serra do Gerez, seria um crime não lhes collocar á direita os d'aquelles que, com verdadeira dedicação, sacrificios



Caminho da Pedra Bella
— Gerez no inverno: Caminho de Leonte
(CLICHÉS DO PHOT. AMADOR SR. A, REBELLO VALENTE,

e acertadas providências salvaram, no desempenho das suas elevadas funções officiaes, tanta belleza, pondo um dique á devastação, fomentando a economia indigena e revestindo os resequidos e desoladores escalvados com variada e abundante collecção das mais bellas essencias florestaes: Pedro Roberto da Cunha e Silva, Adolpho de Oliveira, Carlos Eugenio de Oliveira Carvalho, Ephecto de Magalhães Mesquita, Julio Maria Vianna, Antonio Mendes d'Almeida, Cerqueira Machado e Tude M. de Sousa são os grandes amigos e transformadores da serra e a quem ella e o paiz muito devem.



As suas afamadas aguas thermaes tiveram tambem dois grandes apostolos, Andrade Gramacho e Ricardo Jorge, que, tornando-as conhecidas, atrahiram ao Gerez avultada e variada clientella, que, concluda a sua cura, vae levar á Europa, á Africa, á America do Sul, a confirmação da celebre divisa — *Egri surgunt Sani*.

Amadores de excursões que nunca perdiam o ensejo de passar um dia ou uma noite na serra temos, e dos mais cotados, Ramalho Ortigão, Carlos Lobo d'Avila, José Maria d'Alpoim, visconde de Guilhomil, e muitos outros que ali iam, chamados pela finura das aguas, pureza do ar e frescura das sombras.



Chan de Leonte

—Outro aspecto da Chan de Leonte



Pedra Bella (1829^o de

altitude)—CLICHÉ BIRL.

Na serra, cortada em grande parte pela estrada romana, de que se encontram ainda muitos vestígios, com especialidade na volta do Corvo e Bargiella, restos de ponte bem trabalhada na foz do rio do Forno e uma outra ainda bem conservada proximo a Villarinho, grupos de marcos miliarios, sendo os mais importantes os de Albergaria, Portella do Homem e Bouca da Mò e que, em uma bella monographia, foram descriptos pelo distincto ornamento do clero portuguez Martins Capello, abundam o corso ou cabrito montez, o coelho e a perdiz vermelha, encontrando-se, ainda que com menos frequencia, a aguia, de que parece haver mais de uma variedade, o porco bravo, o lobo, a raposa e creio que ainda a cabra brava.

Estivemos no Gerez desde maio de 1890 a junho de 1895 e ainda ali encontramos no pleno goso das suas facultades o velho banheiro Fructuoso, que foi o melhor caçador da cabra brava, e raro era elle falar das suas caçadas ao bravo animal, que lhe não viessem as lagrimas aos olhos, lagrimas de saudade pelos tempos idos e que a idade e a fraqueza das pernas não deixaram renovar. Foi elle quem forneceu os exemplares que ainda ha annos existiam no Museu de Coimbra e nunca se poudo convencer da extincção da cabra.

—Que não havia caçadores, isso tal-

vez, mas as cabras e os reichellos procurassem-os, porque estavam lá.

Era o velho Fructuoso de opinião que o perimetro favorito da cabra é o comprehendido entre a Portella do Homem, Cruz do Pinheiro, Lage do Sino, Carris, Cornos da Fonte Fria e d'ahi uma linha ao Cabril, abrangendo Cidadelhe, Agua da Palla ao Cantarello, Prados, Lomba de Pau, Barrageira, etc.

Direi ainda que esta excursão venatoria que a *Illustração Portuguesa*, com um enthusiasmo que bem merece o auxilio de todos, e sacrificios que bem avalio, vae realizar, deve ser organizada de forma que a raia gallega, desde a Lage do Sino até um pouco além dos Carris nunca fique desguarnecida, porque foi sempre n'esta linha que algumas vezes me chamaram a attenção para o rasto e frago da cabra brava. Os ultimos vestigios que d'ella encontrei foi em 1893, proximo do curral da Amoreira e onde o mestre florestal Seraphim dos Anjos e Silva, em pouco mais de meia hora, matou onze perdizes.

Tem a *Illustração Portuguesa* ainda hoje homens que muito conviria tomarem parte na excursão, e, entre elles, o antigo caçador padre Sebastião, que teve a paciencia de povoar de trutas todos os corgos da serra.

O padre Julio Cesar, de Ruivães, que no exercicio





*Vista do Gerez anterior aos actuaes
da cinco cupulas dos antigos*

*estabelecimentos thermaes. (Vem-se a-
Poços de Banhos—CLICHÉ BIEL*

da caça tem passado muitos dias a monte na serra e o mestre Seraphim, caçador emerito, que allia a uma intelligencia pouco vulgar uma actividade rara, servida por fibras de aço, que o fazem desconhecer o que seja a fadiga, para só expandir o seu nunca desmentido enthusiasmo pela serra e tudo quanto lhe diga respeito, seriam excursionistas valiosissimos.

A ultima cabra que se apanhou viva foi em Albercaria, pelos auxiliares Joaquim Valente e Antonio Carris, sendo mandada de presente pelo silvicultor, então chefe, Magalhaes Mesquita, ao fallecido director geral Elvino de Brito.

As ultimas vistas na serra e a distancia, nas proximidades da Lomba de Pau, foram observadas por Joaquim Guimarães em 1892.

Existe ainda a cabra brava? Creio que sim, e tudo depende de estarem para cá da raia, da fórma como for organizada e dirigida a batida e muito especialmente da precisão com que todos obedecerem ao chefe da caçada. Eis a questão.

Julgo mais provavel o encontro da cabra brava do que da charella, porque bati algumas vezes o perimetro que vae dos Carris a Pitões, sem nunca a ter visto.

O paiz da charella é para além de Montalegre, na serra do Larouco, onde em 1894, fui procural-a, com o meu

amigo e distincto agronomo silvicultor Antonio Mendes d'Almeida, que não caçou charellas, mas descobriu a existencia de bellos exemplares de Pinus silvestris nos corgos de Cabril.

Uma ordem official, que, com urgencia, chamou o meu companheiro a Lisboa, e o denso nevoeiro que n'aquelles dias envolveu a serra do Larouco, não nos deixaram vêr as charellas, que passados dias obtive por presente do dr. Moraes Caldas, que me enviou uma gaiolla com tres charellas vivas.

Algumas vezes, mas creio que rariissimas, descem as charellas o valle do Cavado, chegando até proximo da ponte da Mizarella, construcção de fórma bem curiosa e onde os nossos militares de hoje não acreditarão que por ali passasse em retirada o general francez Soult com a sua artilharia.

Li ha dias que algumas senhoras perguntaram se podiam acompanhar a excursão venatoria. Que duvida?

Não ha sentimento nobre, generoso e bom que se não gere no coração da mulher e a idéa que algumas senhoras acabam de ter de acompanhar a excursão, torna a-ha mais attractiva, pa enteando ao mesmo tempo quão valorosa e intrepida é a mulher portugueza.

Uma illustre senhora, distincta pela sua bondade e esmerada educação e nobre pela familia de que descende, a sr.^a D. Ma-



ria Luiza Mesquita, dedicada esposa do meu amigo Ephecto de Magalhães Mesquita, fez em 1891 a excursão ao Cantão Magro, na serra da Estrela, onde até então não tinha subido uma representante do seu sexo e, no mesmo anno, percorreu toda a serra do Gerez com seu marido, pernitando em barraca de lona.

Porque não pôdem outras senhoras seguir-lhe o exemplo?

Bota de sola grossa sem exagero nem cardas, saia curta, e um chapéu de palha, barato ou caro, mas de aba larga, envolvido por uma gaze que até em volta do pescoço, eis a *toilette* mais commoda e apropriada para as damas que, com a sua presença, pretendam honrar uma das mais formosas excursões que, no paiz e que eu

nha não dava ali resultado, é uma camada de fetos que se cortam pela hora do sol, e que á tarde se estendem com uma espessura de 0^m,20 no chão da barraca. Está feito um magnifico colchão que, com o auxilio de dois cobertores, um sobre os fetos e outro sobre o ralado excursionista, proporcionará um somno, que, estou certo, muitos vão gosar pela primeira vez.

Não permittem os meus afazeres acompanhar a excursão, mas com ella vae todo o meu entusiasmo, que é grande, e os meus melhores votos pelo feliz resultado, e que são bem sinceros.

Que da penna brilhante de Carlos Malheiro Dias, que d'aqui nomeio chronista da excursão, saia um livro que na minha estante desc-



Um acampamento do pessoal florestal na Bouça da Mò em 1890
(CLICHÉ DE EGBERTO MESQUITA)

saiba, se tem organizado, e que queiram examinar de perto os esplendidos exemplares da flora gereziana, respirar livremente o mais puro e bello ar e contemplar as formosissimas paizagens da serra, no que hão de passar horas que jámais esquecerão.

Um conselho me permitto dar aos excursionistas. Não levem camas de campanha, redes e outras invenções no genero, que só servem para augmentar a carga a transportar para os planaltos e proporcionar uma noite mal passada e fria.

Quem se deitar em cama de campanhã na serra, conte que não lhe será possível rennir numero de cobertores que o aqueçam.

A melhor cama, e que sempre usei depois de me convencer que a de campa-

jo collocar ao lado de um outro, intitulado *Quatro dias na serra da Estrela*, que nos deixou Emygdio Navarro, é o meu maior e mais ardente empenho.

Ericeira, 17 de agosto de 1908.

JOSÉ THOMAZ DE SOUSA PEREIRA.



Nota da redacção

A pedido de numerosos leitores da *Illustração Portuguesa*, transcrevemos do programma da caçada, que será enviado da volta do correio a todos que o requisitarem, as condições da inscripção para a grande excursão venatoria de 15, 16 e 17 de setembro na serra do Gerez.

Inscrição

1.º—A inscrição é de 15\$000 por caçador ou excursionista e está aberta até 31 de agosto nos diversos clubs de caçadores do reino, na redacção da *Ilustração Portuguesa* e no Grande Hotel Ribeiro das Caldas do Geréz.

2.º—O pagamento da quota de 15\$000 réis far-se-ha no acto da inscrição.

3.º—São requisitos indispensáveis á inscrição:

a) A apresentação da licença de uso e porte de arma, quando a inscrição se não faça no club de que o inscripto seja socio.

b) A declaração de que o caçador se submete a todas as condições prescriptas no programma e respectivo regulamento da caçada, o qual será oppor-

sar todos os serviços de batida, pondo á disposição dos caçadores uma *equipe* habilitada de bateadores nunca inferior a 100 homens.

Disposições geraes

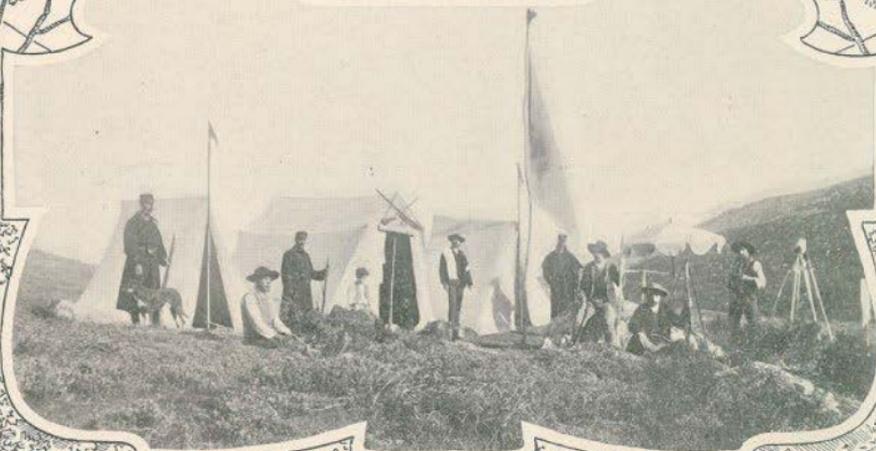
1.º—A nenhum caçador será consentido fazer transportar para a serra mais de 20 kilos de bagagem, não incluindo munições e armas de reforço.

2.º—Cada caçador deverá munir-se de um copo e de uma manta.

3.º—Só serão consentidas as cargas de balas em armas com cano *choke-bored*.

4.º—No decurso do dia 15 será prohibida a caça da perdiz.

5.º—Dentro do perimetro das



Um acampamento do pessoal florestal na Chan das Abrotegas em 1993

tunamente distribuido a todos os caçadores inscriptos.

c) A declaração do numero de cães de que o caçador pretende fazer-se acompanhar.

d) A declaração da cathegoria em que se inscreve: se de caçador, se de excursionista.

4.º—No caso do caçador querer fazer-se acompanhar por um creado, deverá inscrevel-o como tal. A inscrição de creados será de 4\$500 réis, pelos tres dias, comprehendendo alimentação e alojamento na serra.

5.º—Pelo preço da inscrição se obriga a *Ilustração Portuguesa* a fornecer aos caçadores, durante os dias 15, 16 e 17 de setembro, alimentação e alojamento na serra e a organi-

mattas do Estado a caçada será regulada como de uso pelos regulamentos da repartição florestal.

6.º—As peças de caça pertencem de direito ao caçador que as abater.

7.º—Na caçada da cabra proceder-se-ha quanto possivel de modo a substituir a morte pela captura. No caso de se matarem ou capturarem animais d'esta especie serão elles postos á disposição do governo para figurarem nos museus de historia natural.

8.º—Cada caçador inscripto receberá oportunamente o regulamento da caçada, a cujas prescripções deverá inteiramente submeter-se, sob pena de desclassificação, para o que será nomeado um jury composto de caçadores representantes dos diversos clubs de caça do paiz.

FIGURAS E FACTOS

O assassino da varina Maria dos Anjos

A policia encontrou maiores difficuldades do que a principio supuzera no apuramento do crime da azinhaga de Santa Luzia, apesar dos indicios deixados pelo criminoso da sua passagem. O nome do auctor ou auctores do barbaro assassinio de Maria dos Anjos são, por isso, ainda um mysterio, que cada dia decorrido parece adensar-se mais. Está presa, sob o peso de suspeitas, que se dizem bem iundadas, de intervenção directa na morte da pobre varina, ou pelo menos de uma cumplicidade muito estreita n'ella, uma gatuna bastante conhecida da policia, de nome Josepha Maria Collares, que tem persistido, contudo, em uma negativa intransigente, contrariando os testemunhos acabrunhadores que se conjugam para a comprometter. Esperemos. em todo o caso, que o assumpto não deixará de ser definitivamente liquidado e os culpados devidamente castigados.

Josepha Maria acompanhada por um guarda de policia

(CLICHÉ DE SENLIEL)



A DESCOBERTA DO POLO SUL—O Pourquoi-pas? no porto do Havre. Este navio é que conduz a missão franceza do dr. Jean Charcot ás regiões antarcticas, tendo partido com esse destino no dia 16 do corrente, preparado para uma viagem de tres annos

(CLICHÉ DE J. THEODORICO.)

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE, Successores

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem aumento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

UPHOLSTERER & GABINET MAKER

Cadeiras

Maple

Sophás chaise longues e cadeiras com costas articuladas, offerecendo optima commodidade.

Ha sempre variado sortimento de modelos novos, forradas em superior chagrin de 1.ª e 2.ª qualidade, por preços limitados, attendendo á sua magnifica construcção. Decorações completas em estylo inglez. Todos os trabalhos são dirigidos pelo seu proprietario, Gil Dias d'Assumpção, profissional especialista n'este genero de trabalhos. Fornecedor da Legação Britannica e das principaes casas de Lisboa. 35, Rua de Buenos-Ayres, 35. Telephone 4:884 (residencia) Deposito unico do "PIPERINOL" o melhor preparado para dar cor e lustro de encerado em moveis, soalhos e couros.



principaes casas de Lisboa. 35, Rua de Buenos-Ayres, 35. Telephone 4:884 (residencia) Deposito unico do "PIPERINOL" o melhor preparado para dar cor e lustro de encerado em moveis, soalhos e couros.

PARFUM
POMPEIA



L.T.PIVER
PARIS

PRINCIA VIOLET
NOUVEAU PARFUM
PARIS

AGUA CASTELLO

ASSIS & C. LISBOA

PREMIADA em varias EXPOSICOES - FORNECEDORAS da CASA REAL

Farinha lactea

Preço 400 réis

Nestlé

Livraria da Casa Andrade

DE Paula & Andrade 52, Rua Maciel Pinheiro, 52 Parahyba do Norte BRAZIL

Accoita consignação de LIVROS e REVISTAS de qualquer n.º

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na exp. agricola de Lisboa

**INSTITUTO
de belleza**

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparehos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza. Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparehos para o seu aformoseamento. Quem quiser conservar e embellecer a cor empregue todas as manhas os maravilhosos productos: **Locção Creme e Pó Kiytia**. Instruções para o seu emprego. **Tintura vegetal garantida e inoffensiva**. **Locção capilar** para evitar a queda dos cabelos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua cor natural. **Depilatorio perfumado** com extracção d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pelos e fazendo-os desaparecer completamente. O Instituto de belleza deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindoe casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O INSTITUTO DE BELLEZA lecciona e da curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

CASTALNEIRO I
 APREIADORES - ESTOFADORES
 TELEPH. 1346 PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 38 - LISBOA
 IMPERIO TELEGRAPHICO CASTALI

GRAPE-NUTS



O melhor

alimento para adultos e crianças. Substancia predigerida de facilissima assimilação. Reconstituinte para fraquezas cerebraes por excesso de trabalho. *Pedir em todas as boas mercearias e pastelarias.*

Grand Prix de l'A. C. F. 1906

1.º **SZISZ** em (Renault) com aros immoveis revestidos com pneumaticos "Michelin". Os cinco primeiros chegados, tinham tambem aros immoveis com pneumaticos

"MICHELIN"

Grand Prix de l'A. C. F. 1907

1.º **NAZZARO** em (A. A. T.) com aros immoveis revestidos com pneumaticos "Michelin". Entre os primeiros **dezesete** que venceram, **quinze** tinham aros immoveis revestidos com pneumaticos

"MICHELIN"

Grand Prix de l'A. C. F. 1908

1.º **LAUTENSCHLAGER** em (Mercedes) com aros immoveis revestidos com pneumaticos "Michelin". Entre os doze primeiros que venceram **onze** tinham aros immoveis

e pneumaticos "MICHELIN"

DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:

- OLIVEIRA & C.º - Avenida Navarro, Coimbra.
- ALBERT BEAUVALET & C.º - Praça dos Restauradores (Avenida da Liberdade), Lisboa.
- A. BLACK & C.º - 30, R. da Boa Vista, 32, Lisboa.
- LAURENCEL & OLIVEIRA - 86, Avenida D. Amalia, Lisboa.
- RICARDO O'NEILL - Rua do Alcaim, 10, 3.º, Lisboa.
- SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS L.T.º - Rua Alexandre Herouliano, Lisboa.
- AUTO-LISBOA - Avenida da Liberdade, 28-45, Lisboa.

- CENTRAL MOTOR STORE & GARAGE - 103, Rua de S. José, Lisboa.
- TEIXEIRA & IRMÃO - 11, Poço do Borratam, Lisboa.
- CASAL IRMÃOS & C.º - 15, R. de D. Carlos, 84, 1.º, Porto.
- TEIXEIRA & IRMÃO - 153, Rua de Sã da Bandeira, 157, Porto.
- EMPRESA PORTUENSE DE AUTOMOVEIS, LTD.º - 24, Rua da Liberdade, 48, Porto.
- JOÃO GARRIDO - 15, Rua do Passos Manuel, 20, Porto.